

COTIDIANO E MISSÃO: REPRESENTAÇÃO DA COMPANHIA DE JESUS NO MARANHÃO DOS SÉCULOS XVII E XVIII

Roberta Lobão Carvalho

Orientador: Guilherme Pereira da Neves

Mestranda em História pela Universidade Federal Fluminense

Bolsista da FAPEMA

rob.lobao@gmail.com

INTRODUÇÃO.

Os estudos sobre a ação jesuítica, na lógica do Império Português, possuem várias frentes: perspectivas de ordem econômica, como seu papel na produção de gêneros agrícolas em suas fazendas; social, com relação a seus trabalhos na missão e no cuidado não somente com os indígenas, mas com os moradores das conquistas; política, como suas relações de aproximação e afastamento com a Coroa portuguesa; e a cultura, como as aculturações indígenas, por meio da catequese, da evangelização dos moradores e das suas intensas produções escritas, que muito deixaram para posteridade, sempre produzidas com objetivos. A abordagem que utilizo é a cultural, pautada principalmente na produção da escrita jesuítica.

Observo tal escrita como o que Adolfo Hansen¹ chama de letras coloniais, as quais precisam ser entendidas dentro de um contexto específico para serem devidamente analisadas e compreendidas. Neste artigo procuro observar a construção retórica que se faz em torno do cotidiano jesuítico em suas missões durante sua passagem pelo Antigo Estado do Maranhão², dando atenção principalmente as atuações dos colonos, indígenas e dos próprios jesuítas. Utilizo para tanto como fonte a Crônica do padre José de Moraes, antigo teólogo da junta das missões, *História da Companhia de Jesus no Antigo Estado do Maranhão e Pará*³. A edição que trabalho foi publicada no ano de 1987, pela editora Alhambra. A primeira edição foi de 1759. Esta crônica foi escrita no século XVIII, século conturbado para as relações da Companhia de Jesus, tanto no Maranhão quanto na Europa. Neste período surge o mais implacável inimigo da Companhia de Jesus, o primeiro ministro de D. José I, rei de Portugal, o futuro Marquês de Pombal. Portanto, chamo atenção para que se fique atento, durante a leitura dos textos jesuítas, às especificidades típicas destas construções: como o contexto, a forma retórica e o decoro.

As letras coloniais jesuíticas estão inseridas num conceito particular de história. Uma história que diferentemente da que se formava no século XVIII, Iluminista, não prezava a razão e a idéia de progresso, nem que era criada pela ação do homem e de grandes instituições. Os inicianos

a observavam como repetição da figura de Deus, que é eterno, estando presente em seus vários tempos e, portanto, sempre se repetiria, o que lhes permitiam até mesmo escrever uma *História do Futuro*, como fez o Padre Antônio Vieira.

Na narrativa do padre José de Moraes há informações importantes para que se entenda o cotidiano das missões jesuíticas. Encontram-se relatos sobre a forma de ação dos inacianos, sobre como entenderiam seu ideal de missão e sua relação com os colonos e indígenas. Através desta narrativa estudo: as tópicas referentes à salvação da alma do gentio e dos colonos, e como esta ação seria entendida pelos jesuítas como bem universal, e ainda uma das principais dificuldades para posse e consolidação portuguesa do território do Maranhão. Estas são tópicas retóricas recorrentes na literatura sobre as missões. Além disso, é importante discutir a forma pela qual Moraes compreende a participação de cada indivíduo no projeto geral da Companhia de Jesus.

JESUÍTAS E COLONOS

A relação entre jesuítas e colonos foi conflituosa desde o início da colonização portuguesa nas Américas. Na crônica do padre José Moraes a tópica sobre o *mau comportamento* dos colonos é abordada desde as primeiras páginas. Relacionada a essa tópica encontramos outras como “o quadro inteiro de virtualidades positivas que se desenha e articula para favorecer o cristão - desde o lugar de implantação da nova cidade, a disposição dos índios para ajudar”.⁴

Para analisar tal relação cabe perguntar, quem seriam esses colonos. Rafael Chamboleyron em sua tese de doutorado trata do número de soldados que estariam em São Luís, e com base nas estatísticas percebe que o número da população aumenta, entre os anos de 1640 até 1680, porém o número de soldados permanece praticamente igual. Desta forma chega a conclusão de que;

If one compares the figures mentioned above with the number of inhabitants, that most likely only included male and ‘white’ settler, one can have an idea of the importance of the troops in the general figures. At the same time, it seems that the number of soldiers remained practically the same, from the 1640s until the 1680s, while the population increased considerably during the second half of the seventeenth century.⁵

Alírio Cardozo afirma ainda que “É necessário reconhecer, entretanto, a ambigüidade dos termos utilizados para contar a população na época: ‘moradores’, ‘portugueses’, ‘vizinhos’, que corresponderiam, supostamente, à população considerada localmente branca”.⁶ Destarte, quando

estiver me referindo a relação entre jesuítas e colonos estes últimos serão os portugueses do sexo masculinos e *brancos*.

Aqui analiso a representação feita por José de Moraes dos moradores cristãos desta terra. Já no início de sua narrativa Moraes menciona que os portugueses buscavam conquistar as terras do Norte mais por riqueza rápida e pra capturarem os índios;

a ambição a que por então abriu caminho a tão dificultosa conquista [...] foi o desejo da fazenda o que estimulou a alguns homens de Pernambuco, com pretexto de descobridores da terra do Maranhão, a fazerem uma grande captura de índios que habitavam aqueles sertões.⁷

Esses luso- pernambucanos eram Pedro Coelho e Martins Soares Moreno, que Moraes chamava de “roubadores da liberdade”.⁸ Logo percebo que os conflitos entre jesuítas e colonos pela liberdade indígena encontra-se imbricado desde as primeiras tentativas de ocupação do Maranhão e Pará. Eduardo Hoonaert em sua obra *História da Igreja no Brasil*, ao se referir ao sistema missionário jesuítico no Maranhão e seus conflitos com os colonos afirma que “A grandeza na atitude dos jesuítas consistia em defender a ‘liberdade dos índios’ contra praticamente todos os moradores de São Luís”.⁹

Esse conflito também é relatado por João Francisco Lisboa. Para este cronista do século XIX, a história colonial do Maranhão é basicamente formada pelos embates entre forças civilizatórias e a barbárie, a expressão dos embates na construção do império português e o projeto e ação dos jesuítas. Lisboa escreve que “havia de um lado os portugueses atolados nos vícios; e do outro os naturais esquivos, rudes, ferozes e cruéis”, mostrando desta forma que os jesuítas estariam cercados não somente pela fereza dos indígenas, mas também pelos vícios e pecados dos portugueses. Em outra passagem fala da chegada do padre Figueira ao Maranhão, que haveria causado alvoroço entre os moradores: “o povo [...], receando a sua intervenção na questão da escravidão dos índios, começou a alvoroçar-se, e exigiu por intermédio do senado a imediata expulsão dos padres”.¹⁰

O trabalho dos padres jesuítas na salvação das almas não se resumia aos indígenas, mas visava também moradores portugueses que viviam de forma considerada não adequada ao bom cristão “Os padres se dividiam no cuidado das aldeias e dos moradores portugueses”¹¹ (Grifo Meu).

Para Moraes, os moradores portugueses do Maranhão são os típicos maus cristãos. Em alguns trechos as ações dos colonos são narradas como semelhantes ao comportamento dos indígenas. Os moradores portugueses seriam orgulhosos, injustos, e de fraca fé. Tanto que quando se trata dos colonos e dos indígenas, as tópicas recorrentes não apenas na narrativa de Moraes, mas

de outros padres jesuítas são, a falta de fé, a sensualidade, alcoolismo, brutalidade e vida em discórdia.

Na perspectiva de Moraes, os moradores cristãos não prejudicam apenas a sua própria salvação, mas acabam se tornando um empecilho a salvação dos gentios. Desta forma os jesuítas acabam possuindo a sustentação da relevância da pregação missionária. Pois para os padres, o índio não é mau por natureza, apenas é afastado de Deus devido a suas práticas, e como estes se convertiam mais pelo ver do que pelo ouvir, a presença dos portugueses enquanto *maus cristãos*, com seu comportamento os afastavam do processo de conversão.

Moraes relata que os jesuítas eram bem recebidos pelos índios, pois para eles os padres seriam quem os defenderiam dos maus tratos dos portugueses, que os aprisionavam e os forçavam a trabalhar em suas obras particulares;

Aqui toparam a um índio principal da nação potiguara, chamado Amanaí, que vendo aos pobres missionários sem mais armas que os seus bordões, sem mais soldados nem comitiva que os poucos índios tupinambá e potiguara, seus parentes, que os acompanhavam; pasmados de verem os padres tão humildes no hábito, e tão penitentes no semblante, batendo palmas e cheios de alegria, sem temor que os acobardasse, nem receio que os reprimissem, entrou a abraçá-los dando-lhas ao seu modo os parabéns da chegada às suas terras, por terem já quem os defendesse da violência dos brancos (assim chamavam os portugueses), que não faziam mais que maltratá-los, e roubá-lhes a liberdade.¹²

Desta forma percebo que, para Moraes, os jesuítas necessitavam afastar os índios do convívio dos portugueses, justificando-se, por meio de sua escrita retórica, o sistema de aldeamento que os jesuítas adotaram na catequese dos índios. Este acabou se tornando o maior problema entre jesuítas e colonos, isso é relatado de forma clara durante a narrativa da obra, na qual sempre se destaca as perseguições que os colonos fizeram aos missionários por causa dos índios. Moraes escreve de forma contundente sua visão sobre os moradores portugueses que se encontravam nas terras do Maranhão. Mostra ainda que os índios só podiam recorrer aos missionários jesuítas para sua proteção. Para ele;

Eram os moradores do Maranhão naquele tempo a maior parte *gente baixa, aquém faltavam espíritos para obrar ações dignas de honra e limpas de todo gênero de cobiça*; que era por então cômoda sensualidade, o pecado a que estavam mais inclinados com evidente prejuízo de suas almas, e horrorosos escândalos dos miseráveis índios, que eram todo o alvo de suas desordens, porque *instigado do mesmo demônio, a uns roubava a honra, tirando-lhes com abominável violência suas mulheres e filhas; a outros, a liberdade no*

*contínuo exercício de um quotidiano cativo sem mais paga que a mesma infelicidade em que ordinariamente viviam e acabavam.*¹³ (Grifos Meus)

Porém, quando se trata de abordar outros aspectos dos portugueses que ocupavam o Maranhão, Moraes mostra o que é para ele as virtudes particulares do povo português. Trata de alguns sujeitos históricos como, por exemplo, Jerônimo de Albuquerque, que era “cavalheiro e bom católico”, outro exemplo que posso citar é D. Diogo de Meneses governador e capitão-general de todo Brasil, “Era D. Diogo de Meneses fidalgo a quem, além das mais virtudes, acompanhava um grande zelo da conversão daquelas gentilidades”.¹⁴ Desta forma vejo que a narrativa sobre os moradores brancos do Maranhão se acomoda retoricamente aos preceitos necessários, tanto para validar a atuação jesuítica, quanto para se adequar a certo decoro necessário nestas narrativas.

O ÍNDIO DO JESUÍTA

O índio do jesuíta possui várias representações nas narrativas, sendo abordado por diversos *vieses*. São representados segundo Pécora por tópicas;

Contra natura: canibalismo, nudez, poligamia; tópicas políticas: continuo estado de beligerância, a vida em discórdia, ausência de lei comum e rei único; tópicas doutrinárias: falta fé, ignorância de Deus, desconhecimento da glória da salvação e da condenação ao inferno; e tópica de pecado e da fraqueza: sensualidade, brutalidade, alcoolismo, preguiça, inconstância nas crenças e nomadismo.¹⁵

Porém, todas estas tópicas não estão relacionadas à natureza do índio, mas ao seu comportamento, aos seus costumes. Ao tratar dos indígenas, percebo que os jesuítas já não duvidavam de sua humanidade, de sua inclinação para ser cristão. O que os impediria de serem bons cristãos, “era a sua natural barbaridade, ou ingênua preguiça, vícios inseparáveis da inércia e rudeza de seu gênio, e desordem de seus costumes”.¹⁶

Encontra-se também na literatura jesuíta, tópicas que visam demonstrar a disposição favorável do indígena à adoção da fé católica, como o fato de guardarem obediência aos padres, serem fáceis de senhorear, dóceis e desejosos de aprender, têm admiração e curiosidade pelos ofícios e cantos sacros, seus pecados são veniais, e não conhecem e nem adoram Deus contrário ao cristão. O índio para o jesuíta seria como afirma Alcir Pécora um papel em branco;

o que o papel em branco da alma do índio revela é que não se pode concebê-lo como ‘outro’, categoria excludente aqui, mas sim com o ‘próximo’, bastando para o reconhecimento disto que se remova dessa alma as camadas

de maus costumes que dificultam a visão de sua brancura original, naturalmente disposta aos caracteres cristãos.¹⁷

Observarei algumas tópicas que aparecem na obra de Moraes como a pouca disposição dos indígenas para o trabalho e como esta se modifica quando os gentios eram colocados ao lado dos jesuítas, seus melhores exemplos. O padre afirma que os indígenas; “pela sua natural preguiça são de pouco afeto a qualquer trabalho”.¹⁸ Porém quando se tratava de trabalhar nas obras juntamente com os jesuítas mostravam-se dispostos, e trabalhavam de bom grado, o que revela a disposição favorável que possuíam quando se tratava dos missionários que para eles, segundo José de Moraes, eram como pais e protetores.

Outra tópica destacada é a da barbaridade de seus costumes e cultura. Para os missionários as manifestações culturais e religiosas dos índios, mesmo quando se tratava de manifestações a favor da fé católica, não passavam de manifestações bárbaras, vemos esse exemplo quando o padre trata do batismo de um indígena, o Principal Camarão, que tem certo destaque na narrativa desta crônica, Moraes escreve que;

Recolhidos os padres a povoação, era já chegado o dia do soleníssimo batismo do Principal Camarão, que foi a dominga da Quinquagésima do ano de 1612. Ao sábado à tarde se deu princípio com muitas danças e mascaradas ao seu modo, que embora bárbaro, não deixava também, *sendo como era de parecer ridículo. [...] Acabada essa bárbara cerimônia* se sentavam todos.¹⁹ (Grifos Meus)

Tem-se também o destaque da inconstância dos ânimos dos indígenas. Moraes relata esse fato ao falar da ocupação holandesa no território do Maranhão;

pela fraqueza própria da natureza e pela natural inclinação que tinham à liberdade de consciência, na comunicação de tão perigoso trato, iam dando de beber o veneno dos mesmos dogmas que lhes praticavam, com notável prejuízo daquelas almas, que pela rusticidade eram fáceis de enganar.²⁰

Já que abordei a ocupação holandesa, irei aqui tratar o papel do indígena nas lutas dos portugueses para expulsar os estrangeiros do Norte. Os indígenas são representados como aliados valorosos e decisivos na batalha travada contra os ‘invasores’ franceses e holandeses. Esse fato é acentuado a se mostrar a fidelidade dos indígenas em relação aos missionários, pois seria o trabalho destes, junto aos índios, que fazia com que lutassem ao lado dos portugueses. Essa disposição favorável para ajudar o Império português está ligada à tópica que afirma que eles eram fáceis de senhorear.

Os indígenas possuíam um grande valor na guerra, pois, eram “uma das melhores partes dos socorros nas guerras do Brasil”.²¹ No encontro das armas portuguesas com as armas francesas, Moraes relata que os índios lutaram em favor dos portugueses mediante a promessa, e a confiança que possuíam de que os missionários, Manuel Gomes e Diogo Nunes, viveriam entre eles nas aldeias. Estes missionários foram enviados por ser, de acordo com Moraes, notório que só os jesuítas seriam capazes de reduzir os indígenas a obediência.

Na luta contra os holandeses os índios também tiveram valorosa participação, porém mais uma vez isto foi atribuído ao fato de terem sido convencidos pelos jesuítas. Nesta guerra destacasse a figura do padre Lopo do Couto, e Benedito Amodei. Ao relatar os acontecimentos desta ocupação Moraes carrega nas tintas, pois ao contrário dos franceses que eram caracterizados como inimigos valorosos e preocupados com a alma dos gentios, tanto que trouxeram os capuchinhos para tratar da alma destes, os holandeses são caracterizados como hereges, que estariam dando maus exemplos aos indígenas que por sua natureza inconstante se deixavam levar por seus exemplos. O padre Benedito Amodei, era o único jesuíta que se achava no Maranhão após a expulsão dos holandeses, e de acordo com Moraes cuidou especialmente dos seus “amados índios; a quem os esforços da grande paciência e brandura, procurou logo desviar de alguns erros, em que os tinha metido os hereges, aproveitando-se de sua natural rudeza”.²²

O indígena como já foi dito possuía muitas representações na escrita missionária jesuíta, mas cabe ressaltar mais uma vez que este já não era visto pelos jesuítas como o “outro”, mas como o “próximo”, que precisava apenas ser introduzido no mundo da fé católica e civil. Para Ronald Raminelli; “A idéia de Império dependia da construção de uma lealdade política e estrita obediência as leis religiosa” dessa forma “a conversão tornou-se parte da política destinada a criar uma homogeneidade, uma unidade por intermédio da fé”.²³

A missão jesuíta girava em torno da salvação das almas tanto do indígena quanto do colono português, mas principalmente dos indígenas, motivo maior dos problemas enfrentados pelos missionários, neste sentido Londoño afirma que;

Para los misioneros del siglo XVII, y principalmente para los de Maranhão-Pará, los índios deberían ser salvos de su gentilidad, de su barbaridade, de los errores em que vivían y del abandono em que muchos de ellos permanecían después de haber mantenido contacto com los cristianos.²⁴

No próximo tópico irei abordar a visão de Moraes sobre os jesuítas dentro da missão, observando o papel que estes possuíam na construção do cenário do Maranhão e Grão-Pará. Para

desta forma, perceber como Moraes demonstra a atuação dos padres da Companhia de Jesus em diversas frentes, na pregação para os portugueses, evangelização para os indígenas, e consolidação e alargamento das fronteiras do Império português na região Norte.

OS JESUÍAS SEGUNDO UM JESUÍTA.

Ao estudar a obra do padre José de Moraes, um aspecto que chama a atenção, é da construção do cenário que compõe a narrativa da ocupação, expansão e consolidação do território do Maranhão e Pará. O padre relaciona as etapas do processo colonizador desta região com a efetiva presença e participação dos padres da Companhia de Jesus. Essa idéia é compartilhada por outros jesuítas, por exemplo, o padre Serafim Leite que afirma em sua, *História da Companhia de Jesus no Brasil*, que; “Os jesuítas chegaram ao Maranhão no próprio dia da conquista”.²⁵

A narrativa dá a idéia de que os jesuítas estão presentes desde o início do processo colonizador do Maranhão, podendo até terem sido os primeiros *descobridores* deste Estado. Ao tratar da missão empreendida pelo padre Francisco Pinto e Luís Figueira (1607), Moraes afirma que “abraçando com gosto a proposta foram nomeados como primeiros missionários e descobridores do Maranhão”.²⁶

Os missionários da Companhia de Jesus “conquistavam” os indígenas pela forma de tratar com eles, pois de acordo com as narrativas jesuíticas, os tratavam com amor e estavam sempre bem preparados. Esse preparo se reflete, principalmente, na importância que os padres davam a aprender a língua dos indígenas e ao observarem seus costumes para assim praticarem o ato da missão, sendo este fato um dos dispositivos mais eficazes para dominação dos gentios.

Os jesuítas são representados como desbravadores das fronteiras do Império português, assim como ativos participantes na colonização e consolidação deste território. Este último aspecto se destaca quando padre Moraes narra a ocupação do território tanto pelos franceses quanto pelos holandeses, deixando claro que os jesuítas foram um ponto fundamental na vitória portuguesa, pois, por saberem lidar com os indígenas puderam convencê-los a lutar ao lado dos portugueses. Na ocupação francesa, de início, os índios colocaram-se ao lado dos franceses, mas devido aos jesuítas foram convencidos a lutar pela Coroa portuguesa ajudando na vitória lusa. Vê-se assim, que Moraes atribui a ocupação e consolidação das terras e fronteiras do Maranhão aos esforços dos padres jesuítas, e atrelado a esta questão está à receptividade dos indígenas aos missionários.

Além da exaltação do caráter milagroso da reconquista do território, da bravura dos soldados portugueses, da utilização dos indígenas, e da importância dos jesuítas como instrumentos de

redução dos índios a fé católica e a obediência, Moraes destaca também o papel dos missionários após a reconquista. Os jesuítas eram o exemplo de conduta virtuosa que os portugueses precisavam, exercendo diversos papéis: “consolava a uns, animava a outros, e a todos socorria ou na vida ou na morte com os meios mais convenientes, e com as assistências mais próprias de sua grande caridade”.²⁷ Os missionários possuíam o papel de médicos, professores, missionários, sacerdotes entre outras. Os poucos padres se dividiriam no cuidado das aldeias e dos moradores portugueses.

Na empreitada espiritual, Moraes relata que os jesuítas possuíam um grande número de almas a serem cuidadas, porém os missionários estavam sempre em pequeno número. Ele utiliza a carta que o Padre Superior Manuel Gomes escreveu ao padre provincial do Brasil, para mostrar o esforço dos jesuítas mediante a tão grande quantidade de almas para cuidar e dos poucos jesuítas para o trabalho; “e vendo eu tanta multidão de peixes peço a todos os reverendos padres e caríssimos irmãos e companheiros nossos, que deixando o descanso do colégio, ponham os olhos no sangue e chagas de Jesus Cristo, e nos venham ajudar, etc.”²⁸

No livro II da obra, intitulado *Progresso da Companhia no Maranhão*, há recorrência da tópica que trata sobre a participação dos jesuítas como efetivos combatentes em mais uma ocupação estrangeira no Maranhão, a ocupação holandesa. Os jesuítas são representados como verdadeiros incentivadores do movimento de reconquista das terras do Maranhão.

Por fim, na narrativa da luta contra a ocupação holandesa, o padre José de Moraes discorre sobre o comportamento holandês, diz que estes eram movidos pela ambição, eram saqueadores, suas atitudes eram de sacrilégio, barbaridade, e tirania, eram homens sem fé, que se constituíam em más influências para os indígenas, mostrando desta forma, como os índios eram facilmente influenciáveis, e quando estavam fora da proteção dos missionários se perderam em pecados.

Ao narrar a participação dos jesuítas em momentos decisivos da ocupação do Maranhão percebe-se que Moraes visa construir o lugar que ocupam tanto entre os indígenas, no papel de pais, médicos e defensores, quanto no dos portugueses, por apresentar os jesuítas como exemplo de força e resistência e de homens de comportamento pio. Desta forma, a crônica do padre Moraes ajuda a construir a idéia de que os jesuítas seriam importantes para a consolidação das fronteiras do Maranhão e do Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os jesuítas tiveram grande participação na história do Maranhão, tanto na conquista do território, quanto na própria escrita sobre o mesmo. Os jesuítas até sua expulsão, no Brasil e no

Maranhão e Pará, escreveram para os superiores de suas missões, padres e irmãos, criando um acervo de cartas, informes, relatórios e crônicas em que se encontra a vida cotidiana das missões, além dos acontecimentos políticos e social das colônias. “Esse acervo, mesmo espalhados, se constituiu na referência para a recuperação da história dos jesuítas no Brasil”.²⁹ Logo, os documentos e obras produzidas ajudaram na construção de versões sobre a História do Maranhão.

Este artigo visou discorrer a respeito da construção de representações sobre a passagem da Companhia de Jesus no Maranhão. Analisando a narrativa do padre José de Moraes como uma letra colonial, sempre escrita de acordo com determinada função e seguindo regras e dispositivos retóricos previamente construídos. A História jesuítica do Maranhão é uma história que privilegia os acontecimentos, a exata cronologia dos fatos, pois, para eles, seria um testemunho das ações e dos “frutos” das missões jesuíticas. A leitura de uma narrativa inaciana deve ser feita de forma criteriosa e tendo-se em mente que há uma independência entre o que está escrito e o que realmente aconteceu.

Percebe-se aqui a construção feita pela narrativa do lugar da Companhia no Império Português, especialmente no Maranhão, onde os missionários desta ordem enfrentaram tantas desventuras. O próprio Moraes no decorrer de sua crônica afirma que altera a ordem dos acontecimentos para não perder o fim para o qual se destina. Portanto, a *História da Companhia de Jesus na extinta província do Maranhão e Pará [1759]*, pouco se prende a acontecimentos que não sejam edificantes para a Companhia, não que estes desqualifiquem o conceito de “verdade”, mas precisavam de uma obra que servisse de pilar a Companhia, que destacasse a importância das ações passadas e atuais desta Ordem para a Coroa portuguesa, em um momento em que, para Moraes, a ordem natural das coisas, (jesuíta no governo dos índios; moradores na defesa da terra) havia sido rompida pela política antijesuítica de Pombal. De qualquer forma, o exemplo da História feita por Moraes vai ecoar em parti da História produzida anos depois, construindo um famoso embate: Jesuíta x Estado.

NOTAS DE FIM.

¹ HANSEN, João Adolfo. Para uma História dos conceitos das letras coloniais luso-brasileiras dos séculos XVI, XVII, e XVIII, In: João Fares Jr. & Marcelo Jasmin (orgs.) *História dos Conceitos: diálogos transatlânticos*, Rio de Janeiro, PUC-Rio/Loyola/IUPERJ, 2007, p.253-266

² Quando me refiro ao Maranhão, estou falando do imenso território que começa a noroeste da capitania do Ceará, onde encontrava termo a ocupação efetiva do espaço pelo Império português, e vai até a desconhecida divisa com o Vice-Reinado do Peru. [...] Em dias de hoje, o Maranhão corresponderia aos Estados que compõem a chamada Amazônia legal (Amazonas, Pará, Amapá, Rondônia, Roraima, Acre, Tocantins) e mais os atuais Piauí, Maranhão e, por vezes, o Ceará, muito embora essa transposição para dias atuais seja bastante pobre em termos descritivos. Na prática, o Maranhão terminava até onde alcançavam os interesses privados dos grupos

lusos pernambucanos que fizeram a conquista. (CARDOZO, Alírio Carvalho. **Insubordinados, mas sempre devotos: poder local, acordos e conflitos no antigo Estado do Maranhão (1607-1653)**. Dissertação/ UNICAMP, 2002, p.13-14.)

³ Doravante *História da Companhia de Jesus no Maranhão*.

⁴ PÉCORA, **Máquina de Gêneros**. São Paulo: EDUSP, 2001, p. 40.

⁵ CHAMBOULEYRON, Rafael. **Portuguese Colonization of Amazon Region, 1640-1706**. Tese de Doutorado (história) /Universidade Cambridge, 2005, p. 29.

⁶ CARDOZO, Alírio. PODERES INTERNOS: a cidade de São Luís e o discurso da Câmara no século XVII. **Ciências Humanas em Revista**. V.5, n°2 (dezembro, 2007), pp.125-142.

⁷ MORAES, MORAES, José de. **História da Companhia de Jesus na Extinta Província do Maranhão e Pará (1759)**. Rio de Janeiro: Editora Alhambra.1987p., 23

⁸ Idem, ibidem, p.23.

⁹ HOONAERT, Op. Cit., p. 88

¹⁰ LISBOA, João Francisco. **Jornal de Tímon II: Apontamentos, Notícias e Observações para servirem à História do Maranhão**. 1º Volume, pp. 158 e 172.

¹¹ Idem, ibidem, p. 58.

¹² MORAES. Op. Cit., p. 28

¹³ Idem, ibidem, p. 74

¹⁴ Idem, ibidem, p.24 e 27.

¹⁵ PÉCORA, 2001, p. 44.

¹⁶ Idem, ibidem, p. 45.

¹⁷ Idem, ibidem, p.46

¹⁸ MORAES, Op. Cit., p. 58

¹⁹ Idem, ibidem, pp. 64 e 71

²⁰ Idem, ibidem, p. 108

²¹ Idem, ibidem. .p.50

²² Idem, ibidem, p. 128

²³ RAMINELLI, Ronald. Império da Fé: Ensaio sobre os portugueses no Congo, Brasil e Japão. In: FRAGOSO, João (Et. AL). **O antigo Regime nos Trópicos: a dinâmica imperial portuguesa (séculos XVI-XVIII)**. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2001, pp. 227- 247Op. Cit., p. 228.

²⁴ LODOÑO, Fernando Torres **La Experiencia Religiosa Jesuita y La Crónica Misionera de Pará y Maranhão em El Siglo XVII**, p.21

²⁵ LEITE, S.J, Serafim. **História da Companhia de Jesus no Brasil III**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional,.1943, p.99.

²⁶ MORAES. Op. Cit., p.26

²⁷ Idem, ibidem, p. 59

²⁸ Idem, ibidem, p. 62

²⁹ LODOÑO, Fernando Torres, Escrevendo Cartas Jesuítas. IN: **Revista Brasileira de História**. V.22, n.43, São Paulo, 2002. In: www.scielo.br.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA:

FONTE

MORAES, José de. **História da Companhia de Jesus na Extinta Província do Maranhão e Pará (1759)**. Rio de Janeiro: Editora Alhambra.1987

LIVROS, ARTIGOS E TESES

CARDOZO, Alírio. PODERES INTERNOS: a cidade de São Luís e o discurso da Câmara no século XVII. **Ciências Humanas em Revista**. V.5, n°2 (dezembro, 2007)

_____. **Insubordinados, mas sempre devotos: poder local, acordos e conflitos no antigo Estado do Maranhão (1607-1653)**. Dissertação/ UNICAMP, 2002

CHAMBOULEYRON, Rafael. **Portuguese Colonization of Amazon Region, 1640-1706**. Tese de Doutorado (história) /Universidade Cambridge, 2005

HANSEN, João Adolfo. Para uma História dos conceitos das letras coloniais luso-brasileiras dos séculos XVI, XVII, e XVIII, In: João Fares Jr. & Marcelo Jasmin (orgs.) *História dos Conceitos: diálogos transatlânticos*, Rio de Janeiro, PUC-Rio/Loyola/IUPERJ, 2007

LEITE, S.J, Serafim. **História da Companhia de Jesus no Brasil III**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1943.

LISBOA, João Francisco. **Jornal de Tímon II: Apontamentos, Notícias e Observações para servirem à História do Maranhão**. 1º Volume,

LODOÑO, Fernando Torres **La Experiencia Religiosa Jesuita y La Crónica Misionera de Pará y Maranhão em El Siglo XVII**,

_____, Escrevendo Cartas Jesuítas. IN: **Revista Brasileira de História**. V.22, n.43, São Paulo, 2002. In: www.scielo.br.

PÉCORA, **Máquina de Gêneros**. São Paulo: EDUSP, 2001

RAMINELLI, Ronald. Império da Fé: Ensaio sobre os portugueses no Congo, Brasil e Japão. In: FRAGOSO, João (Et. AL). **O antigo Regime nos Trópicos: a dinâmica imperial portuguesa (séculos XVI-XVIII)**. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2001